

RESENHA

O TEMPO CEDE LUGAR AO ESPAÇO

Osvaldo Freitas de Jesus

Universidade Estadual de Goiás, freitasdejesus.osvaldo09@gmail.com

Sphären (Esferas) é uma trilogia que deixa transparecer o fôlego de Peter Sloterdijk⁽¹⁾. São 2.759 páginas, escritas com arte e estilo e publicadas pela Editora Suhrkamp.

Blasen (Bolhas, v. 1) publicado em 1998;
Globen (Globos, v. 2) publicado em 1999;
Schäume (Espumas, v. 3) publicado em 2004.

Cada volume pode ser compreendido, sem a leitura do anterior ou do seguinte. Existe, entretanto, uma arquitetura geral no conjunto, sem a compreensão da qual, o leitor perderia a sutileza do texto geral. Assim, embora os volumes II e III não exijam pré-requisitos, a obra como um todo requer uma leitura completa. Mais ainda: sem *Sein und Zeit* (Ser e Tempo) de Martin Heidegger, *Sphären* resente de um elo perdido, pois na verdade ela seria *Sein und Raum* (Ser e Espaço) de Peter Sloterdijk.

Para Peter Sloterdijk, não seria mais o tempo a categoria principal constitutiva da proto-ontologia, como entendia Heidegger (1972). Antes de ser temporal, *Dasein* (Ser-ai), como o nome indica, já está no espaço.

Habitar é mais primitivo que temporalizar, muito embora sem o tempo não haja o entendimento da própria essencialidade do Ser.

O tempo seria um elemento que teria emergido, quando o espaço já se tornara uma categoria conceitual necessária, mas a ser arquivada entre os temas descartados e depositados no baú da modernidade. Por exemplo, sem o ar que respiramos, o qual está ligado ao espaço (*Raum*), não haveria vida e muito menos tempo. Nesse sentido, o recuo de Sloterdijk (2004) com *Raum* é mais radical que o recuo de Heidegger (1972) com *Zeit*, à procura da proto-ontologia.

Mesclada com ilustrações, disponíveis somente para quem está familiarizado com as artes e com a mídia eletrônica, *Sphären* é uma obra inusitada na filosofia. Escrever filosofia no monitor do computador é uma tarefa muito moderna para a maioria dos filósofos, especialmente quando as ideias ganham ilustrações gráficas. Isso pode ser compreendido em Peter Sloterdijk, pois ele é inclusive mediador de um programa de TV, ZDF, intitulado “*Kaffee Klatsch*” (Conversa Matinal), que acontece a cada dois meses na Alemanha. Nesse sentido, ele é tipicamente

¹ - Peter Sloterdijk é um filósofo alemão, crítico da **Teoria Crítica**, conhecido pela densidade, abrangência de sua produção e por sua interdisciplinaridade. Sua principal obra, “*Esferas*”, compõe-se de 3 volumes e de **2.759** páginas. Suas

controvérsias com Jürgen Habermas e com Axel Honneth, atual diretor do Instituto de Ciências Sociais de Frankfurt, contribuíram para sua evidência na academia alemã.

um filósofo *online*, ou nas suas palavras, um “**um isolado, embora conectado**”.

“*Sphären*”, essa inusitada trilogia, escrita por Peter Sloterdijk, compõe-se de 2.759 páginas. Aluno do ciclo da Teoria Crítica em Frankfurt, mas claramente um dissidente, como professor de filosofia e história da arte em Karlsruhe, Baden-Württemberg, ele procura combinar disciplinas, mergulhando-se na filosofia, sociologia, antropologia, teologia, ciências, política, religião e artes. Para enriquecer mais seu trabalho, insere *online* excertos de textos, fotografias, pinturas, vinhetas, quadros, partituras, em seus textos, idiossincratizando sua mensagem. O conjunto, formado por “Esferas”, procura mostrar metaforicamente a história e a evolução do homem.

O primeiro volume, “Bolhas”, deixa entender que a solidariedade, presente nos primeiros casais, nas famílias e nas vilas, desenvolvidas a partir da experiência da caverna e de sua força de aproximação, foi força decisiva no desenvolvimento dessa espécie vencedora na terra. O indivíduo converteu-se no grupo e as intempéries puderam ser vencidas.

No segundo volume, “Globos”, o autor procura mostrar que a preponderância do conceito de esfericidade foi decisiva no desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Sol, lua e terra; planetas e satélites; galáxias e estrelas; em todos eles, o círculo representa a perfeição, porque disfarça o infinito e engloba o eterno. Mais ainda, em seu centro está a segurança e a intimidade. O progresso só apareceu e avançou, quando a ideia de esfericidade tornou-se do domínio público.

No terceiro volume, “Espumas”, a solidariedade e a circularidade são superadas, retornando-se à individualidade. As esferas se justapõem, tocando-se umas nas outras, mas não compartilham reciprocidade, para

formar a casualidade/solidariedade. Na sociedade moderna, os indivíduos encontram-se sozinhos, munidos de tecnologias que os fazem crer que se comunicam, quando, na verdade, enunciam palavras sem forças de intersubjetividade.

Repleta de sutilezas de linguagem, sobretudo com o acabamento do texto bem escrito, *Sphären* não economiza figuras da linguagem, especialmente a metáfora e a sinédoque. Algo é tomado por algo mais, assim como a parte é substituída pelo todo, fazendo emergir um imaginário, capaz de prender o leitor, levando-o a uma arqueologia do saber, por sinal mais sutil que a tentativa de Michel Foucault.

Sua metodologia de abordagem pretende ser uma fenomenologia idiossincrática, já que Peter Sloterdijk não depende substancialmente de ninguém. Mas pode-se perceber que a sombra de Martin Heidegger o acompanha ao longo do *Sphären*. Para o próprio Sloterdijk (1992, p. 81), seu texto seria uma poética média da existência. Ao longo de sua *magnus opus*, a monumental trilogia “*Sphären*” (*Blasen, Globen e Schäume*), o professor de filosofia da arte e da comunicação procura mostrar que a sociedade moderna é constituída de indivíduos isolados, embora conectados.

Ainda que Platão e Nietzsche ocupem parte significativa das 2.759 páginas que compõem essa trilogia, é Martin Heidegger que está mais presente nessa monumental obra contemporânea. O próprio título “*Sein und Zeit*” de Heidegger, para Sloterdijk deveria ser “*Sein und Raum*”. Nesse caso, não é o tempo o elemento mais importante na constituição de *Dasein* (Ser-aí) como queria Heidegger (1978), mas sim o espaço habitado (*Raum*). *Dasein* alterou sua constituição, quando deixou de migrar continuamente no solo e se fixou em um determinado espaço. Habitar foi

fundamental para Dasein na estrutura de seu Ser.

Se Heidegger (1972) entende que *Zeit* é uma Categoria substancial para o entendimento de *Dasein*, Sloterdijk (1992, 1994 e 2004) substitui *Zeit* por *Raum*, pois o espaço é mais substancial que o tempo na constituição de *Dasein*. Habitar uma esfera e ser moldado por ela mesma é fundamental para compreender Dasein.

O pensamento de Peter Sloterdijk é metafísico e não se intimida com Jürgen Habermas, para quem o pensamento pós-metafísico é um caminho irreversível na filosofia moderna. Talvez pudesse ser dito que a obra de Sloterdijk, além de ser metafísica, é um escárnio de quem decretou a racionalidade como uma linha reta no plano. Pelo contrário, a racionalidade é uma linha sinuosa na esfera. Ela se constrói por acidentes e casualidades, sempre protegida pela imunidade da verdade.

Apreciador da controvérsia, usando da ironia refinada, Peter Sloterdijk tira o sono de pensadores, inclusive de Jürgen Habermas e de Axel Honneth, membros importantes da Teoria Crítica. O primeiro impasse originou-se com a conferência as “**Regras para o Parque Humano**”, O segundo, mais recente, por força da reforma tributária não realizada por Angela Merkel na Alemanha.

Em seu tom irônico, propôs que a reforma tributária na Alemanha fosse radical, isto é, que não houvesse mais imposto na sociedade. Que paguem impostos somente os ricos e mais ainda: o rico que vier a pagar, que seja agraciado com homenagem pública. Ora, na gíria, isso é espalhar o odor do bode na sala, fazendo esquecer o mal-estar anterior. O fato é que

ele mobilizou a Alemanha, inclusive Axel Honneth em Frankfurt. Vale lembrar que Sloterdijk havia escrito como epítáfio da Teoria Crítica o dizer: “*Die kritische Theorie ist tot* (²)”.

Para Peter Sloterdijk, não seria mais o tempo a categoria existencial e constitutiva principal da proto-ontologia, como entendia Martin Heidegger. Antes de ser temporal, *Dasein*, como o nome mesmo indica, já está lá no espaço. Habitar é mais primitivo que temporalizar, muito embora sem o tempo não haja o entendimento da própria essencialidade.

Escrita em um alemão impecável, “*Sphären*” faz lembrar “*Also Sprach Zarathustra*” de Friedrich Nietzsche, aquele para quem a língua era um ofício de artesão. O pleno domínio da linguagem, inclusive das mazelas das construções de estilo, permite a Peter Sloterdijk dar-se ao luxo de entreter, enquanto faz pensar e refletir sobre a evolução da humanidade e sobre a gravidade dos problemas do mundo.

Em “*Blasen*”, já aparece sua primeira proeza digna de atenção. Para os estudiosos dos textos bíblicos, certamente a lembrança de Javé, criador do homem, é muito ilustrativa. Trabalhando como artesão da argila, ele forma a criatura e lhe sopra, dando-lhe vida. O artesão ceramicista da Mesopotâmia, então bastante evoluído em seu artesanato, a ponto de dar vida à sua criação, ao assoprar sua obra, dá-lhe vida e espírito. Nesse sentido, a narrativa da criação seria um ato cultural. A alma, ou o sopro dado por Javé em sua criatura, era o selo da perfeição de sua obra. A divindade não escaparia à temporalidade da cultura mesopotâmica.

² - Essa frase de efeito, “A Teoria Crítica está morta” atingiu de maneira certeira a Escola de Frankfurt e seus seguidores.

Atento à história, ou mais precisamente, à antropologia, “*Sphären*” apontam para circunstâncias aparentemente pouco importantes que marcaram o desenvolvimento dos antepassados do homem. Por exemplo, o aparecimento do casal, da família, da casa e da vila, tudo isso fez que a comunicação e a solidariedade tornassem um *modus vivendi* da nova espécie. Mais ainda, ele pondera inclusive que a experiência da caverna levou o homo sapiens a juntar-se, para sobreviver às intempéries do meio ambiente.

Mais adiante, Sloterdijk mostra o quanto o “coração” (cor, cordis) dominou a cultura medieval. Concordar, discordar, aprender de cor e agir cordialmente são palavras e expressões que demonstram a força desse órgão da circulação, então concebido como centro da racionalidade e dos sentimentos. Mesmo Aristóteles acreditava que o coração se prestasse a outras funções, v.g., a de refrigerar o sangue no corpo. Em sua obra de cavalaria “*Herzmaere*”, o poeta Konrad von Würzburg (1287 AD) delega ao coração guardar o amor do cavaleiro pela dama. Embora não pareça um fato importante, essa postura cognitiva tinha implicação na concepção do conhecimento. Em outros termos, a racionalidade não tinha autonomia completa na Idade Média, pois a fé não poderia ser explicada apenas pela razão.

O Século XX está marcado pelos avanços científicos e tecnológicos. O ar condicionado, v.g., entrou como complemento do bem estar no meio ambiente em Nova York em 1880 e tornou-se elemento constituinte do mobiliário da maioria das residências em 1980. Nesses 100 anos, ele conquistou a maioria dos lares, escritórios, espaços públicos e fábricas.

O progresso tecnológico permitiu o surgimento de um novo modo social de

convivência: a justaposição social. As pessoas estão juntas umas das outras, mas todas ausentes umas das outras à semelhança de bolhas na espuma. Com o celular nas mãos, pessoas falam umas com as outras, mas raramente com a pessoa que está vizinha. A linguagem tem se tornado uma cadeia sequencial de ruídos, pois as falas carecem de contextos de comunicação.

O desenvolvimento recente da biologia celular pode ilustrar a metáfora da espuma. Os componentes da DNA, na cadeia proteica, estão justapostos e coordenados em um plano estrutural orgânico maior. O sistema predomina sobre os elementos que o compõem. A tese do sistema parece poder confirmar sua hegemonia.

Nas mãos de Peter Sloterdijk, conhecimentos se aproximam e se fundem, ganhando expressão cultural tanto na antropologia, filosofia, na arte, na religião, na economia e na ciência. O desenvolvimento do homem e da cultura segue em frente, mas sem ter um norte certo a alcançar. Registradas ficam as pegadas humanas no meio ambiente e na cultura.

Um hipertexto requer um hiperescritor e um hiperleitor. Em “*Sphären*”, Peter Sloterdijk esbanja sua hipertextualidade. Em outros termos, a intertextualidade permeia toda a obra, o que requer a intencionalidade do autor; um alto nível de informatividade, pois transita por esferas acadêmicas variadas; um gerenciamento complexo da situacionalidade, pois associa filosofia, antropologia, artes, teologia, ciências, direito, política e economia; uma topicalidade bem explorada que permite ao leitor aprofundar o necessário na reflexão; uma coerência e uma coesão que garantem aos três volumes uma visível organicidade. Fundir e amalgamar intertextos, dando-lhes uma visão sistemática requer um trabalho de síntese especial. Poder-se-ia dizer que aí está

uma dialética: **o texto, o antitexto e o sintexto.**

O exemplo do menino que solta bolhas no início de “*Blasen*”, ilustra a evolução do conhecimento humano. Soltas pelo menino, bolhas de sabão pairam no ar, tomando cores variadas, flutuando à mercê da corrente de vento, enquanto o autor da façanha permanece encantado com elas. O conhecimento, na era primitiva, parecia mais um encantamento com a natureza. Conhecer era deixar-se encantar pelos fenômenos da natureza. A mitologia, de maneira mágica, expressa esse estágio da cognição humana encantada. O *homo sapiens* pode ter visto o mundo como uma admirável realidade, pouca compreendida, a não ser pela explicação mítica dos fenômenos da natureza.

No segundo volume de “*Sphären*”, globos sinalizam uma nova postura sobre a natureza do conhecimento. A descoberta de novos continentes, a estrutura do sistema heliocêntrico, a esfericidade da terra, a gravidade universal, o método experimental, tudo isso permitiu que “*Blasen*” se transformasse em “*Globen*”. Esse novo estágio do conhecimento é mais realista, embora oneroso para ser conduzido. A figura de Atlas ilustra bem o ônus da chegada da ciência na vida social. A capa do volume II, “*Globen*” é o próprio Atlas, curvado ante o peso da esfera ou do mundo. Esse período corresponde aos séculos seguintes ao renascimento, especialmente durante o surgimento das ciências da natureza. Nicolau Copérnico, Galileu Galilei, Johann Kepler, Francis Bacon, Blaise Pascal, René Descartes e Isaac Newton contribuíram para que prevalecesse a ideia de “*Globen*” como forma geométrica fundamental do sistema solar e do cosmos.

No terceiro volume, “*Schäume*”, bolhas formam superfícies isoladas, embora

conexas. As células são os exemplos mais comuns dessa justaposição de elementos, no caso predominando a força estrutural do sistema sobre os elementos. Nesse sentido, questões, como aquelas relativas ao sujeito, à liberdade, à educação e à criatividade ficam menores, a menos que ao sistema seja imposto um limite de poder. A pós-modernidade é período do sistema e da inanição do sujeito.

Embora uma obra pós-moderna, “*Sphären*” não possibilita a tese do fim da história ou a volta do criacionismo. Está presente nos três volumes a ideia da evolução biológica e cultural do homem e da sociedade. Do encantamento, ao realismo, até ao individualismo atual, há um caminhar que se expressa nas formas culturais da arte, da filosofia, da teologia, das ciências, da tecnologia, do direito e dos costumes.

“*Das Paare*” (o casal), ou a teoria da solidariedade, torna-se fundamental na compreensão da humanidade. A utilização da caverna como habitat provisório levou os ancestrais do homem a desenvolver sua capacidade comunicativa, instigados pelos desafios do meio ambiente hostil e perigoso. A princípio provisória, a solidariedade acabou por se tornar um dos traços distintivos desse sujeito que é portador de subjetividade ao longo da história. A força do grupo prevaleceu sobre a força do indivíduo, ou seja, a capacidade de efetuar pactos e realizar consensos permitiram aos antepassados do homem se fortalecer como grupo e conseqüentemente a possibilidade real de conquista do meio ambiente.

Combinando história da arte, antropologia, filosofia, religião e cultura, Peter Sloterdijk, em **Sphären**, abre as portas de sua erudição para aqueles que interessam por interdisciplinaridade. Essa trilogia, além de sua densidade acadêmica, é um

respeitável acervo de documentos e imagens
presentes na história e na cultura.

Recebido em fevereiro, 2014.

Aceito em abril, 2014.

REVISTA
PROFISSÃO
DOCENTE ON
LINE